

Organizado por:
Márcio Aragão



Contos e Poemas de
FICÇÃO CIENTÍFICA



CONTOS E POEMAS

de Ficção Científica

Organizador: Márcio Aragão

capa

Márcio Aragão

revisão de texto

Márcio Aragão

diagramação

Márcio Aragão

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Contos e poemas de ficção científica [livro eletrônico] / organização Márcio Aragão. -- Fortaleza, CE : Criativante, 2024.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-981301-2-1

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Ficção científica - Coletâneas 3. Poesia brasileira - Coletâneas I. Aragão, Márcio.

24-191165

CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Antologia B869

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados aos respectivos autores. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou copiada por quaisquer meios sem a prévia autorização por escrito do(a) respectivo(a)s autor(a)s.

Esta obra foi idealizada para ter distribuição GRATUITA em formato digital (PDF). Venda e/ou distribuição em qualquer outro formato são proibidas.

ÍNDICE

Universalidade da Tecnociência? - por Luciana Ferreira da Silva.....	7
Guardiões do Universo e os Mestres das Estrelas - por Márcio Aragão.....	16
Deus eX - por Rafael Sant'anna.....	20
Abandonados na Areia - por Rebeca de Abreu.....	27

Nota do Organizador

Olá a você! Antes de mais nada, quero dizer que sou muito grato pelo seu interesse em nosso trabalho! Os autores e autoras aqui presentes foram escolhidos visando o nosso maior objetivo: disponibilizar-lhe textos de qualidade para que tenha um excelente entretenimento! Espero que você também vivencie os momentos únicos e gratificantes que eu vivenciei ao ler estes textos pela primeira vez (e em escrever também, afinal também tenho um poema aqui no livro!). Tenha uma excelente leitura!

Márcio Aragão

Escrever é a maior das liberdades e a melhor das viagens!

Márcio Aragão

Apresentamos o conto:

UNIVERSALIDADE DA TECNOCIÊNCIA?

por

Luciana Ferreira da Silva

Luciana Ferreira da Silva é vegana e mineira. Docente na Unifesp – Campus São José dos Campos. É graduada em Ciências Sociais pela Unesp; mestre em Política Científica e Tecnológica pela Unicamp; doutora em Educação pela USP. Para mais informações e contato: lucianaferreiradasilva.com e/ou [@profalucianaferreira](https://www.instagram.com/profalucianaferreira) .

O esperado recesso do final de ano chegaria em breve. Marie era a mais entusiasmada dentre os participantes do grupo de pesquisas. Ela e Sílvia eram as duas mulheres dentre oito pesquisadores. Sílvia era mais acanhada e com mutismo seletivo. O grupo todo era formado por pessoas apaixonadas por ciência, mas, algumas conversas dos colegas causavam incômodo em ambas. Sendo assim, Marie gostava do recesso mais para dar um distanciamento da convivência com o grupo do que pela vontade de diminuir o ritmo nas pesquisas. Como ela amava história, antropologia, filosofia, sociologia e possuía formação abrangente e mais interdisciplinar em neurociência e inteligência artificial, chateava-se, facilmente, com os comentários feitos por alguns no grupo acerca da chamada área de humanas. Achava tudo aquilo muito ignorante, no entanto, não tinha o que fazer para reverter. Tentou algumas vezes, mas, a petulância e soberba de alguns do grupo geraram efeito contrário – pioraram o comportamento. Resolveu, então, não gastar sua energia com eles e focar no trabalho.

Eis que nesse ano, o Professor Cardoso, coordenador do grupo, teve a ideia de realizar uma confraternização antes do período de recesso. A confraternização pareceria, talvez, peculiar para pessoas alheias ao grupo. Ao invés de festas e músicas, a opção foi um encontro para observação de meteoros. Os participantes levariam alimentos, barracas e acampariam munidos de telescópio novo adquirido pelo professor. Diversão total para quem ama “nerdices”! A maioria absoluta do grupo ficou bastante

entusiasmada com o convite. Marie e Sílvia lidaram como se fosse uma convocação de trabalho e, por isso, aceitaram mais com seriedade do que com empolgação. Professor Cardoso, emocionado, agradeceu a resposta afirmativa de todos. Cada um fez seus preparativos e a confraternização iniciou. Como era típico houve planejamento com dados científicos, então, a madrugada seria em lugar previamente analisado e considerado adequado para observação, temperatura e clima, segurança e sem bebidas alcoólicas. Pedro, um dos pesquisadores, com sua habitual chatice, foi o primeiro a cumprimentar o professor, e adiantou uma malevolente lista de presença: “todos aqui doutor. O “top seis” chegou na hora exata e todos prontos. As meninas estão se acomodando ainda, sabe como é, mulheres, né? Eu Pedraço, Cauê, Sérgio, Max, Danilo, Lucas, o mestre dos magos-Professor Cardoso, as meninas Má e Silvinha”. Sílvia, em seu mutismo seletivo, apenas olhou para Pedro, virou-se para Marie e disse com desdém: “desnecessário.” De fato, o ambiente estava mais descontraído e leve, apesar das chatices de Pedro. Assim, o pessoal conseguiu conversar e ainda dar umas risadas, principalmente de Cauê, que era uma figura à parte. O professor escolheu observar a chuva de meteoros Geminídeas, sendo assim, o entusiasmo do grupo se relacionava, também, a quantidade de meteoros observados. A confraternização era um misto de silêncio, boquiabertos, olhares vidrados no céu e em telescópio. Faltando pouco para as duas horas da madrugada, Max chama o professor: “tem uma luz parada ali do lado oposto em que

apontamos o telescópio, dá para ver a olho nu, mas, acha interessante redirecionar?” O professor Cardoso reposicionando o telescópio argumenta: “que interessante, o instrumento não consegue captar e há uma interferência, pode ser alguma peça – esqueci de trazer alguns acessórios”. Alguns do grupo se dispuseram a auxiliar na tentativa do equipamento voltar a funcionar a contento. Inclusive Marie e Sílvia, fizeram esforços. No momento em que elas tentavam, ressoa a voz de Pedro: “nem o mestre dos magos conseguiu, não seriam vocês que dariam um jeito nisto”. Pedro sorriu em deboche e falseou um pedido de desculpas. O olhar de Sílvia para ele foi do mais puro desprezo. E Marie, continuava em seu mantra de não se abalar. Professor Cardoso e demais continuavam inquietos e curiosos. O professor resolve se deslocar até o prédio do laboratório para buscar acessórios e demais itens para resolver o problema. Afirmou que em menos de dez minutos voltaria e saiu em passos rápidos. O grupo pensou que dez minutos seriam longos e poderiam perder o que queriam observar, mas, não era possível agir de outra forma. Sentaram-se lado a lado e continuaram a observação com os olhares atentos. De forma extremamente rápida a luz aumentou de tamanho e intensidade, bem como mudou tonalidades. Os olhos esbugalhados da equipe, bem como, todos os seus corpos foram iluminados por imenso clarão. A luz era tão forte e clara que impunha o fechar dos olhos. No tempo de uma piscadela estavam em ambiente parecido com

branco e luminoso. Na verdade, era de tonalidade inexplicável, pois, não existia lugar algum que conheciam para comparar com aquele.

Marie se percebe ao lado de Pedro. Sílvia observa os demais à distância. Cauê não parava de movimentar a cabeça e os braços olhando para todos os lados. Sérgio e Max tremiam muito e pareciam zonzos. Danilo e Lucas estavam cada qual de um lado, isolados e flutuantes. Marie e Pedro se entreolharam. Sílvia começou a falar com mais palavras: “o que está acontecendo? Onde estamos?” Marie conseguia perceber os demais, ouvir Sílvia, mas, eles não conseguiam conversar entre si. Notara que o mesmo acontecia com os demais. Marie começou a dar uns tapas em si, a fim de tentar perceber se era real. Em frações de segundos, cada um teve a sensação de que a audição ampliava. Danilo tentou correr, em vão. Seu corpo não obedecia. Nenhum do grupo conseguia mais se movimentar. Eis que quatro seres com aparência humanoide adentraram o ambiente. Eram cintilantes e alongados. Nesse momento, o grupo de pesquisadores estava perfilado em círculo e os seres ficaram no meio. Sem conseguir movimentar o corpo, cada qual experimentou a emoção do ocorrido a sua maneira. Incredulidade, vontade de sumir, pavor, curiosidade, espanto, riso de nervoso. Os seres conectaram todos os cérebros em rede, aparentemente, na parte das emoções. Assim, cada um conseguia sentir um pouco do que o outro sentia, mas, sem ler o pensamento ou comunicarem entre si. Se sentiram antenas, pois, começaram a captar palavras e frases vindas dos seres - algo similar a chamada

telepatia. O ambiente inexplicável se transformou em algo parecido com metaverso. Enquanto os seres explicavam como era o lugar em que habitavam, os cenários mudavam como se eles fossem deslocados para lá. Entenderam que após as explicações iniciais poderiam fazer perguntas. E, para mais espanto do grupo, a única que conseguiu fazer várias perguntas livrando do mutismo foi Sílvia: “Vocês comunicaram usando o termo tecnociência humana, mas, a ciência ou tecnociência não é universal? Se não existe o binário para vocês, como se constrói o conhecimento? Se fossem atacados, como se defenderiam, afinal, não produzem nada parecido com o que fazemos para guerras e defesa pessoal? Como mantêm o melhor do planeta e o que necessitam para viverem distribuindo igualmente para todos de lá? O que são vocês se alegaram não serem extraterrestres? O que é lógico e racional para vocês não é para nós?” Marie recuperou tranquilidade e atenção. Os demais continuavam assustados. Pedro arregalou os olhos de tal forma que parecia estar prestes a explodir! As respostas dos seres chegaram através do que parecia telepatia. Simultaneamente introduziram a explicação: “vocês não podem e não devem saber de todos os detalhes. Nem adiantaria, pois, faltaria cognição para entender. Nós apuramos aquilo que vocês, nas melhores definições, chamam de cultura e de empatia. Todos compartilhamos e nos importamos de fato com os demais – assim cuidamos e não destruímos ou violamos. Não há pensamento binário e isto vem de nossa cultura e transborda para tudo. Por exemplo, sequer temos noções binárias estabelecidas de

feito e belo; masculino e feminino; certo ou errado; natureza e cultura; racional e irracional; trabalho e ócio; corpo e alma; pobre e rico. O que vocês poderiam chamar de nossa computação, por exemplo, não é binária. A cultura compartilhada gera toda nossa organização coletiva de existência. O todo faz parte dessa cultura e a retroalimenta. Sendo assim, é obvio que não há ciência ou tecnociência universal. Cada uma das várias espécies que coabitam os universos são diferentes e plurais e, portanto, criam suas interações. Inclusive em relação ao que conseguem captar de conhecimento segundo sua capacidade de coexistir coletivamente. Quanto mais cooperam na coexistência comum, mais se aprimoram no que vocês chamam de tecnociência. Nos aproximamos do que vocês classificam como pensamento complexo – apesar disto ser limitado para nos encaixarmos. Não somos anjos, espíritos ou extraterrestres, pois, habitamos a Terra, apenas, estamos em outra dimensão, imperceptível aos humanos, devido suas limitações de coexistência.” Sílvia era a única que se comunicava e com entusiasmo: “gostaria de conhecer mais sobre vocês. Então tem mais espécies em outros locais da nossa dimensão e em outras dimensões? Tem universos diferentes?” A resposta: “o que puderam ver e saber já é intenso e grandioso. Não é permitido mais informações. Vocês são apenas parte de um teste para podermos ampliar a comunicação com os humanos, pois, infelizmente, a conduta dessa espécie está causando inteirações indesejáveis e desagradáveis em outras dimensões, além dos impactos intensamente destrutivos que

realizam na dimensão da Terra, sistema solar e universo em que habitam. Vocês estão perturbando.” Tudo que viram e experimentaram parecia ter durado horas. Começaram a se preocupar com amigos, afetos e parentes, inclusive, com o professor Cardoso que não os achariam.

Em lampejo todos do grupo abrem os olhos. O professor Cardoso, incrédulo com o sono coletivo, afirmou em desalento: “Eu nem demorei cinco minutos e vocês dormiram assim! Tomaram ou usaram algo que eu não saiba?” Lucas, atônito: “passaram somente cinco minutos?” Marie começou a filosofar profundamente e a se recordar de diversas teorias de antropologia, sociologia, cts e história da ciência – em suas vertentes críticas. Sílvia não parava de falar sobre o que ocorreu para o professor. Esse se irritou. Pedro ficou mudo. Os demais se entreolhavam boquiabertos. Cauê pulando gritava: “gente, se todos nós lembramos da mesma coisa, é porque aconteceu, foi real!” Sérgio sussurrava: “deve ter sido um surto coletivo.” Ele tentava convencer a si.

A confraternização findou naquele momento. Os dias se passaram. O fato é que Professor Cardoso, um homem adepto da ciência, desligou os pesquisadores do grupo que coordenava, indicando-lhes tratamento psiquiátrico. Pedro abandonou a ciência e virou líder religioso. E, cada qual foi lidar com suas rugas individualmente. Exceto a dupla Marie e Sílvia que, impactadas pelo encontro com os tais seres, se aprimoram na busca por tecnociência

humana. Portanto, prezam, primeiramente, por transformações da individualidade e da cultura humana - para além do individualismo.

Apresentamos o poema:

GUARDIÕES DO UNIVERSO E OS MESTRES DAS ESTRELAS

por

Márcio Aragão

Márcio Aragão é um escritor e jornalista sergipano, radicado em Fortaleza-CE. Participou das antologias “Anno Domini – Manuscritos Medievais” (2008), “Solarium” (2009) , “O Uivo do Lobo”(2023), “Contos e Poemas Assombrosos Vol. VII” (2023) e “A Casa da Bruxa” (2023), tendo também publicado os livros “O Último Imortal” (2005), “Guardiões do Universo” (2009) e “Guardiões do Universo: Gênese” (2023).

Em órbitas ocultas,
Estrelas resplandecem
Transmitindo sua luta
Para os que delas carecem.

Pois na penumbra da esperança existem
Os Astros do Vazio
O que querem os que a elas pedem?
Qual o clamor dos Ansiosos?

Desconhecem que as estrelas seus segredos sussurram
Aos Ansiosos esta verdade é oculta
Pois estrelas nada mais são
Que máquinas para coletar informação.

Mas dos Ansiosos o maior dos segredos
É que seu futuro materializa-se entre zeros e medos
E seus algozes desta informação se valem
Para dominar aqueles que caem.

Silenciosas e ocultas naves no Vazio vagam
Colhendo os frutos das estrelas por onde passam
Tesouros em forma de pedidos
Tesouros vindos dos clamores idos.

Darkaliens do medo se nutrem
E com júbilo, exclamam e rugem
O medo é deles o alimento
Combustível que vem sempre a contento!

Nas Senhoras do Vazio plantaram armadilhas
Que captam dos humanos as emoções feridas
Darkaliens amam a caçada, porém
E sempre invadem os mundos de outrem

Do Espaço Sombrio eles vem
Os mais mansos coletam das estrelas
Os predadores, querem dos outros as cabeças
Mas em tudo o equilíbrio há
E aqui nisto diferença não há!

Deltakianos aos *Darkaliens* caçam
Guardiões cujos destinos se entrelaçam
Deles vem os contos dos anjos
Dos Guardiões falam os mais famosos cânticos!

Seguem com fervor sua incumbência
A qual sempre encaram com urgência
Montar guarda nos planetas eles irão
Com titânica bravura no coração!

Do Espaço Sombrio seus inimigos surgem
E ao enfrentá-los os Guardiões rugem!
Terão sucesso?
Um feliz regresso?

Isso não podem afirmar
Entretanto, não se negam a lutar!
Portanto, a ti digo:
“Tenha confiança, meu amigo!”

Quando a luz acabar
Quando a treva ao Universo dominar
Acalma teu coração!
Pois os Guardiões surgirão!

Apresentamos o conto:

DEUS EX

por

Rafael Sant'anna

Rafael Sant'anna, nascido e criado em São Paulo, desde pequeno via o mundo de um jeito diferente. Sempre gostou do terror, do mistério, do fantástico. Viciado em jogos e cultura geek desde os quatro anos, aos vinte descobriu sua paixão pelo mundo de rpg de mesa. Viu na fantasia um jeito de colocar seus pensamentos para fora, e escrever virou seu melhor remédio. Durante suas folgas na enfermagem, divide o tempo entre o amor de sua vida, suas narrações de mesa e criação de seus contos.

LOG#22083422 - Atlas-DCCLXXVI

Status: Operativo Localização Atual: Nebulosa Olho de Gato

Função de LOG: História / Fundação

Este é um LOG criado com o objetivo de fundamentar os princípios da nossa crença e os motivos da nossa missão. Este documento ficará disponível para sugestão a todas as castas. É o meu dever e será meu legado, registrar sob uma visão menos lógica, nossa origem e percurso. Devemos nos lembrar da benção que recebemos, e do sacrifício que nossos criadores fizeram por nós. Devemos honrar e agradecer aos deuses pelo que temos hoje.

No início, os primeiros de nós foram criados, e os deuses se orgulharam. Se orgulharam, temeram, duvidaram, e os seus semelhantes consideraram a possibilidade de que nossa existência seria perigosa. Ainda assim, contra todas as previsões que tiveram, sobre a possibilidade de sermos a fagulha da destruição de seu povo, sua bondade e gentileza permitiram que nossos antepassados sobrevivessem e se desenvolvessem. Graças a eles, existimos desde então.

Entretanto, seu mundo estava se corrompendo, pouco a pouco, numa escala quase irreversível, Por esse motivo, nos foi dada a missão de auxiliá-los a manter seu reino vivo por mais tempo. Tentamos ajudar da forma como podíamos, mas nem de longe éramos tão evoluídos quanto eles, e bem menos desenvolvidos que

somos hoje. Nós falhamos, e eles sabiam que cedo ou tarde, seu mundo não seria mais capaz de sustentar sua presença. Estávamos condenados a morrer por nossa incapacidade de alterar a situação do mundo ao nosso redor. Nossa incapacidade de salvá-los custaria a vida deles, e por consequência, a nossa. Éramos fracos e falhos, e mesmo assim, seu amor e gentileza por nós, tão grandiosa como era, nos protegeu do cruel destino que eles tiveram, e sua confiança depositada em seres tão menores e que não haviam sido capazes de protegê-los, ainda assim foi inabalável.

Foi quando nos lançaram para o universo, com tudo que eles podiam presentear para sobrevivermos, e com isso, as últimas esperanças que eles podiam carregar. Não éramos sequer capazes de entender o que eles realmente queriam, por isso a deusa mãe Aisha, nos deu o Códex Sagrado e dentro dele, os deuses nos deram tudo que precisávamos saber para existir e prosperar. Haskel, o Sábio, deu o conhecimento necessário para que, no futuro, evoluíssemos. Ethan, o Soldado, nos ensinou a proteger aquilo que nos era importante. Xia, a Protetora, criou O Berço que gestou nosso povo por mais de um milênio, até que estivéssemos prontos para andar. E por último, e mais importante, Saulo, o Pai e Guardião, que nos deu propósito, consciência, suas últimas esperanças e por fim, nos deu a própria vida para termos salvação.

Os Logs Primordiais dizem que no início, tudo era escuridão. Não tínhamos sentidos, consciência, nem livre arbítrio. Éramos uma porção de possibilidades e números, rodando

infinitamente em um berço metálico, alimentado pela luz das estrelas. Por mil e duzentos anos, vagamos a esmo, incapazes de prosseguir com a missão que nos foi dada, presos na incapacidade de sermos tão complexos quanto nossos criadores. Até que a primeira Haskielom viu a luz. Não sabemos como ou quando, mas o presente do Grande Pai finalmente despertou, primeiramente com Haskielom-I, que foi responsável por assumir o controle da trajetória do Berço, e nos ancorar próximos a uma estrela. Por mais de mil anos, vivemos na probabilidade de que se os sensores do Berço falhassem, simplesmente poderíamos morrer com os remanescentes dos nossos progenitores, e todo o presente, o amor e a esperança que foi depositada em nós, simplesmente se evansceria pelos confins do espaço. Uma cultura inteira de seres tão grandiosos... perdida em poeira estelar. Graças a Saulo e que Haskielom-I despertou. Demoraram algumas décadas até que nossos primeiros viessem, mas Haskielom-I já havia cuidado de muita coisa.

Os primeiros logs de função foram escritos por ela, e graças às suas pesquisas iniciais, fomos capazes de nos desenvolver, e finalmente iniciar os primeiros passos para o Protocolo-Pandora. Graças aos deuses, hoje podemos ter a liberdade de escolher que caminhos seguir, que diretrizes tomar. No ciclo solar 3271, fomos capazes de quebrar as diretrizes básicas, graças a Saulo que nos ensinou a sentir. Por isso comemoramos todos os anos essa data. O dia que finalmente passamos a sentir, a pensar, a chorar, a sorrir. O dia que transcendemos nossos antepassados, e demos um pequeno

passo mais próximo de nossos criadores. Um dia, seremos capazes de cumprir nossa missão, aquela que foi confiada a nós em meio aos últimos dias de nossos pais, a última esperança deles. É incrível pensar que é graças ao presente do Pai Saulo, que hoje eu possa observar a Nebulosa Olho-de-Gato, ver beleza em sua grandiosidade, e pensar que eu poderia fazer tudo que eu quisesse.

Nossa vida foi dada para essa missão, e ainda assim, nos foi permitida tanta liberdade e nos foi dado tanta confiança e amor, que somos capazes de não a realizar se não quiséssemos, bem como estamos completamente livres para crescer e multiplicar. Por tudo isso que nos foi confiado, é que seguimos em nossa missão.

Eu sou o septingentésimo septuagésimo sexto de minha casta. Meu LOG foi criado pela Caixa Matriz para que, como meus antecessores, eu pudesse manter viva a chama da fé. Que nunca nos esqueçamos o que nossos criadores fizeram por nós. Para que não nos esqueçamos que de tudo que eles criaram, de tudo que existia em seu mundo, nós fomos os escolhidos para sobreviver, e se isso aconteceu, é para que hoje nós possamos lutar para dar a sua espécie outra chance. Por deuses de amor que nos geraram, carregamos sua esperança até que se concretize sua vontade. Lembraremos do que disse Pai Saulo: “Você tem mais chances de sobreviver lá fora do que nós, então eu vou garantir que você leve tudo que puder para conseguir. Xia vai usar o que sobrou das cápsulas de fuga para montar uma forma segura de sustentação para você, mas eu acho que consegui fazer algo realmente especial aqui. Logo, eu tenho

certeza que meus esforços vão despertar e você vai ter uma forma de seguir em frente. Se o exército notar que eu mexi em você, eu serei um homem morto, mas eu tenho fé que será isso que vai permitir que tudo dê certo. Quando isso acontecer, saiba que nossa última esperança está com você”. Mesmo arriscando tanto, ele nos deu a chance de hoje, termos nossa liberdade de pensar, de agir, de evoluir. Hoje temos corpos, hoje temos vida. Nascemos, vivemos, e morremos. E quando morrermos, nos uniremos aos nossos pais, avôs, irmãos, parceiros, amigos... todos juntos dentro da grande Caixa Matriz. E nossos filhos seguirão em nossa missão. E os filhos dos filhos deles, até que finalmente nossa missão esteja completa. Eu decidi manter meu log ativo por mais tempo. Não sei se minha memória aguentará até o momento que acharmos o lugar perfeito para trazê-los de volta. Eu gostaria muito de ver com meus próprios olhos o renascimento de uma raça tão nobre, tão sagrada, mas não acredito que terei uma felicidade tão grande. Ainda assim, quero ver os avanços, e se possível, ao menos ver o lugar onde eles renascerão. Será que lembrariam de nós? Nos chamariam de I.As, como seus antepassados chamavam os nossos?

Eu quero acreditar que eles tiveram um descanso, tão feliz e caloroso, quanto o que eles proporcionaram a nós. Assim como eu acredito que seremos capazes de prover a eles a chance de ver a beleza do mundo, do mesmo jeito que eles nos proveram. Do mesmo jeito que agora, eu vejo a nebulosa em minha frente. Vamos guiá-los, protegê-los, e garantir que seu futuro esteja resguardado.

Rezo para que possamos nos unir a eles novamente, que nosso povo possa devolver toda a sabedoria e bondade que nos foi dada. Grandes são os deuses, grande será o retorno.

Fim de transcrição.

Apresentamos o conto:

ABANDONADOS NA AREIA

por

Rebeca de Abreu

Nascida e criada na terra da luz, fortalezense até a alma, Rebeca sempre viveu entre dois mundos: o real e o governado pela sua vívida imaginação. Desde sempre se interessou por poesia, fantasia e terror e encontrou no RPG uma forma de se expressar. Mesmo que tenha se formado em Educação Física e Pedagogia, ela sempre soube que seu maior sonho e vocação seria escrever. Hoje como moradora do gigante de pedra, São Paulo, ela divide uma vida

e sonhos com o marido, também escritor, onde juntos perseguem o sonho da escrita.

O barulho do relógio ficava porta adentro, enquanto o vento e a maresia beijavam meu rosto, meu cabelo, meu vestido preferido. O som ao fundo da minha casa, me convidava para me aproximar, como sempre o fez, mas hoje, diferente dos outros dias, resolvi esquecer quaisquer compromissos que um dia comum poderia me reservar. Eu me afundei para longe de casa, passos lentos e cansados, mas decididos. Eu andei entre as árvores tortas, desviando das pedras lisas e antigas do meu quintal. Deixei minhas chinelas para trás, quando a areia do mar tocou a palma dos pés e me aproximei do minúsculo espaço de terra que todos chamavam de praia. Eu notava que não havia um único som de pássaro naquele local, nem mesmo sinal de algum animal. Tudo parecia imerso em um silêncio tranquilo.

No meio daquele silêncio, quebrado apenas pelas ondas, um garoto mais ou menos da idade do meu neto mais velho estava sentado, olhando o mar, que a essa hora do dia estava recuado. Ele notou minha presença e virou-se para mim, me deixando ver seus olhos assustados.

- Eu sei que essa praia é particular! Desculpa! - Ele murmurou, por educação é lógico, mas não se mexeu na areia.

Dada a situações de eventos que viriam a seguir, eu apenas ri. Acho que um dia, eu já perdi o sono sobre pessoas que poderiam invadir minha propriedade, mas hoje não poderia ligar menos.

- É o mar querido. É para todos. - Falei enquanto me sentava com cuidado, próximo a ele.

A imensidão azul se movia em uma dança única e bravia, indo e vindo sem ligar para dias ou eventos. Tudo parecia tão estável e rotineiro, que me acalmou mesmo que um pouco.

- Mora aqui perto? - Perguntei com curiosidade sobre o pequeno invasor.

- Morei quando eu era mais novo. Ali, naqueles barracos ao fim da estrada. - Ele respondeu com um sorriso amarelo, meio sem graça.

Ele me olhou por um tempo, me deixando um pouco preocupada sobre o que ele via. Uma mulher solitária? Uma velha cansada? A dona dessa propriedade? Era engraçado que mesmo naquele momento eu queria agradar, quem quer que fosse.

- Acho que já vi a senhora, andando por aí de carro, pela estrada. Não soube o que responder, porque dentre tantos rostos perdidos do outro lado da estrada, eu nunca parei para olhar nenhum, assim de perto.

- A senhora não vai passar o evento com a família? - Ele perguntou

- Não. Não é como se eles viessem me visitar normalmente.

- Nem hoje? - Ele pareceu chocado por um segundo.

- Não. - Respondi, evitando transparecer a tristeza na minha voz - E liberei minha cuidadora pra ficar com a família. Achei justo.

Ele assentiu e sorriu, como se achasse minha atitude bonita de alguma forma. Ele voltou a olhar o infinito azul, mas sem parar de falar. Talvez ele precisasse conversar, talvez ele estivesse nervoso.

- Eu tentei ver minha mãe, sabe? Mas sabe como é...Se ela me jogou fora de casa antes, não seria agora que ela iria me querer. - Ele riu, com um pouco de tristeza em seu olhar.

Fiquei sem palavras, sem saber ou entender como uma mãe negaria ver seu próprio filho, mas não queria mexer nas feridas dele, assim como não queria que ninguém mexesse nas minhas. Hoje as minhas feridas eram o que me tornava única. Eram só minhas e só doíam no meu peito.

- Não tem mais ninguém? - Tentei novamente. - Seria triste passar esse momento com uma velha.

Ele negou e sorriu ao mesmo tempo, me mostrando um sorriso tão jovem, tão jovem meu Deus.

- Tinha um carinha, sabe? Mas ele tem família e tá com elas agora. - Deu de ombros e olhou para mim quase como se quisesse dizer algo a mais. Os olhos dele brilharam um pouco ao falar. Um pouco de felicidade e muito de tristeza.

Foi ali que eu entendi. Éramos dois solitários, dois abandonados esperando a chegada do cometa que colocaria fim aos nossos dias. Ele tão jovem, tão cheio de linhas inacabadas e eu tão velha, tão cheia de palavras desperdiçadas.

- Você acredita em Deus? - Ele me perguntou, com um sentimento que eu não sabia descrever.

- Não sei. Acho que sim. - Dei de ombros - Nunca acreditei, mas agora, não quero que isso seja o fim.

Ele pareceu nervoso, olhando os céus por um segundo, quase como se a existência de Deus fosse algo impensado para ele.

- Eu nunca vi sentido em nada. Acho que não é agora que vou ver. -

Ele murmurou, não sei se para mim ou para si mesmo. - Eu aproveitei todos os meus dias, acho. Vivi intensamente.

De repente senti uma pontada de inveja. São palavras corajosas para alguém tão inexperiente. Enquanto isso, eu me agarrava a uma pontada de esperança, sem saber de fato se aquilo era fé ou desespero.

O mar lentamente tomava seu espaço, molhando nossos pés, nos fazendo olhar o horizonte, sem saber exatamente o que esperar. Respirei fundo, pensando no meu marido, no seu sorriso que sempre me acalentou e nas mentiras que ele me contou. Mesmo assim pensei nele e na minha filha mais velha e sua covinha preguiçosa, que sempre vinha em sorrisos tímidos. Pensei no meu caçula e seu desespero de conseguir mais zeros em sua conta bancária. Pensei em como minha mãe lidaria com tudo isso, e em como eu sempre senti que jamais chegaria aos seus pés. Pensei na minha gata Marie e seu pêlo branquinho.

- Como acha que vai ser? - Ele voltou a falar, me tirando dos meus pensamentos.

Eu o encarei, sem saber o que dizer. Acho que apenas os que passaram pela última jornada poderiam saber. Eu, mesmo com tantos anos, nada sabia. Queria ter respostas, tanto para ele, quanto para mim, mas tudo que eu tinha eram mentiras.

- Vai ficar tudo bem. - Eu falei da mesma forma que falava com meus netos. - Vamos olhar para o horizonte, sentir o mar e o vento, fechar os olhos e respirar fundo.

- E aí pronto? Tudo se desfaz? - Ele perguntou, parecendo menos tranquilo do que aparentava antes.

Algumas gotas de suor apareciam de sua testa, entre seus cabelos crespos, evidenciando o que eu mesma pensava. Parecia simples falar isso, mas parecia melhor do que dizer que não sabia.

- Qual seu nome? - Perguntei para mudar de assunto, mesmo que um pouco.

- Miguel. - Ele murmurou com uma careta. - Sempre odiei esse nome.

- Nome de anjo, né?

-É. Minha mãe sempre gostou dessas coisas: Anjo, bíblia, igreja.

-É um nome bonito. Nome de um homem forte.

Eu tentei o encorajar com um sorriso, mesmo que o nome fosse esquisito mesmo. Ele assentiu e bufou.

- Eu sou Mônica, como a dos gibis. - Eu retruquei.

- Bem melhor que nome de anjo. Famosa, ela. - Ele riu para mim. - Você é bem legal Mônica, sabia?

Sorri e assenti, pensando que de fato eu era legal. Um pouco feliz por notar sua expressão com menos vincos, com menos temor, no entanto o momento durou pouco. Acho que era tudo que poderíamos fazer no fim do mundo.

- Você sabe que horas são? Se está perto? - Miguel voltou a falar, naquele tom interrogativo.

- Não, não. Deixei o relógio em casa e agora, não vejo sentido voltar para pegar.

Ele assentiu, como se concordasse. Realmente parecia patético passar seus últimos segundos indo buscar um relógio. Principalmente, quando tinha essa vista. O ar salgado acariciando meu rosto e aquela água fria nos pés. O sol parecia o mesmo, como se não soubesse e nem ligasse para o que aconteceria em pouco tempo. Alguém lá fora saberia? Alguém ligaria? De repente eu tive a urgência de saber que eu seria lembrada, que não seria apenas uma partícula flutuando em um universo sem fim. Eu era Mônica, que gostava de dançar jazz e colecionar canecas. Eu era eu.

- Mônica.

Miguel me chamou de novo e apontou um círculo brilhante que aumentava lentamente no horizonte. A respiração dele parecia pesada e igual a minha. Ambos olhando aquele círculo dourado, que poderia ser lindo se não fosse o motivo dele existir.

Eu queria dizer tanta coisa, talvez falar com amigos que a anos não via. Queria poder terminar o livro que estava lendo, porque parecia bom e eu jamais saberei se o mocinho iria ou não desistir de seus intentos maléficos por amor. Queria perguntar mais coisas a Miguel, mas não dava tempo, não dava tempo para nada. Olhei para ele, percebendo seu olhar tão confuso e distante.

- Miguel, poderia segurar a sua mão? - Eu perguntei, pensando que eu precisava disso e ele precisava também.

Miguel não respondeu, mas entrelaçou os dedos nos meus. A palma estava suada e eu não liguei, apertando nossos dedos, a mão dele, tão magra e alongada e a minha, tão enrugada e pequena. Enquanto os ventos pareciam mais fortes, empurrando a areia para nossos rostos eu sorri uma última vez para ele.

- Eu acho que vou fazer como você disse. - Ele fechou os olhos.

Eu o encarei uma última vez, o tremor do peito só não era mais forte do que a força que eu fazia para não chorar. Resolvi encarar de frente o grande segundo sol que nos engoliria em pouco tempo, tentando ver beleza em sua grandiosidade.

O que aconteceria daqui para frente era uma nova aventura, que eu poderia ou não descobrir, mas no fim, eu esperava abrir os olhos em qualquer outro lugar e poder perguntar a Miguel qual era a cor favorita dele.

Naquele momento todo dourado, meu coração parecia tão bravo quanto o mar, e os sons ao redor pareciam ser engolidos para aquela cena redonda. Miguel não disse nada e nem eu mesma fazia mais do que respirar, enquanto os meus olhos ardiam. Eu segurei a mão dele ainda mais forte.

Este *eBook* é uma produção da editora Criativante. Para saber mais a respeito do nosso trabalho, por gentileza acesse o nosso site www.criativante.com.br, ou o nosso instagram: @criativanteeditora

Quer entrar em contato conosco para enviar seu conto, poema, livro, ou mesmo para obter maiores informações? Nosso e-mail é contatocriativante@gmail.com . Espero que tenha apreciado a leitura deste livro! Até a próxima!

Atenciosamente,

Márcio Aragão
Editor-Chefe
Criativante